



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na Residência da Embaixada do Brasil em Cuba

Havana-Cuba, 15 de janeiro de 2008

Presidente: Essas viagens minhas a Cuba e à Guatemala fazem parte de uma definição estratégica da política internacional brasileira de se voltar cada vez mais na perspectiva de trabalhar uma integração mais forte com todos os países da América do Sul e da América Latina.

Firmamos oito acordos e esses acordos foram extremamente importantes para que a gente possa fortalecer a nossa parceria com Cuba. Por isso, quando eu regressar ao Brasil, eu regresso mais alegre, mais feliz, porque é mais um país da América Latina e do Caribe que está fazendo parte da política de integração que tanto nós, brasileiros, precisamos fazer.

Jornalista: Cinco anos depois o senhor volta a Cuba, a segunda vez como presidente da República. Como é que o senhor vê Cuba hoje, o senhor acha que o país está se abrindo para o comércio, é hora de investir em Cuba?

Presidente: Eu acho que é sempre hora de investir em Cuba. Tanto é que os espanhóis, os canadenses e os franceses estão fazendo isso há muito mais anos, investindo no turismo. Eu penso que o Brasil pode contribuir. Pode contribuir, com a Petrobras, na perspectiva de fazer estudos para ver a questão do petróleo em águas profundas em Cuba, ou a Petrobras pode fazer a fábrica de lubrificante aqui. A indústria brasileira, no setor farmacêutico, pode fazer convênios e parcerias com a indústria cubana. O Brasil pode ajudar muito Cuba na questão da agricultura, sobretudo, na questão da produção de soja, temos interesse em compartilhar com os cubanos os nossos conhecimentos tecnológicos nessa área. O Brasil pode ajudar na questão do turismo, na



indústria de biotecnologia. Portanto, eu acho que é sempre momento de você fazer investimento nos países que fazem parte do seu continente. O Brasil, eu digo sempre, como maior economia, o Brasil precisa cumprir com o seu papel, acreditar que esse é o caminho correto para uma boa política de integração.

Se nós analisarmos a geografia política e a geografia comercial do mundo, nós vamos perceber que tem dois mundos prontos: de um lado, os Estados Unidos, de outro lado, a União Européia, e poderíamos pegar de outro lado, o Japão. Nós temos algumas partes do mundo em construção, em movimentação, das quais fazem parte os países chamados de BRIC, do qual o Brasil faz parte.

Você tem, depois, a América Latina e tem a África, que são continentes em processo de formação de política comercial e política econômica, que o Brasil pode ajudar de forma extraordinária com a sua experiência, com a construção de parcerias. Nós vamos fazer isso porque acho que esse é um papel que está reservado ao Brasil, vai depender única e exclusivamente de nós.

Jornalista: Presidente, o senhor falou em abertura econômica. E a perspectiva de uma abertura política em Cuba? O governo brasileiro acha que isso é importante nesse momento (inaudível)?

Presidente: Nós não damos palpite na política de nenhum país. Autodeterminação dos povos, para nós, é uma coisa sagrada. Da mesma forma que nós não queremos que as pessoas dêem palpite nas coisas do Brasil, nós não queremos dar palpite nas coisas dos outros. Aliás, quem dá muito palpite quebra a cara. Veja que o Citibank acaba de anunciar um prejuízo de 10 bilhões de dólares. Eles, que davam tanto palpite sobre como administrar os países, as coisas, quando chega a hora de provar a sua competência, eles demonstram que não têm tanta competência como falavam.



Eu acho que para nós, o que é importante... Felicitamos Cuba, porque Cuba assinou o Protocolo de Direitos Civis e Direitos Políticos da ONU, vai assinar o de Direito Econômico. Para nós é importante essa evolução política e nós queremos contribuir, queremos participar, queremos ajudar naquilo que for possível, sem nenhuma ingerência do Brasil. O que nós queremos com qualquer país é uma relação em que a gente comece essa relação respeitando a autodeterminação das decisões de cada país e de cada povo.

Jornalista: Presidente, recentemente alguns cubanos boxeadores, músicos, manifestaram interesse de ficar no Brasil, por conta de um sentimento de repressão aqui do regime. Direitos humanos está na pauta do (inaudível)

Presidente: Sempre esteve na pauta. As pessoas não manifestaram interesse em ficar, porque quem manifesta interesse em ficar pede asilo. Eles não pediram asilo. Na medida que tenha uma irregularidade no caso, primeiro, dos atletas que foram para o PAN, o ministro da Justiça tratou como deveria tratar e achou que (inaudível) liberar as pessoas. No caso dos músicos vai acontecer a mesma coisa. Nós não queremos contribuir para cercear nem a liberdade das pessoas quererem escolher o país em que vão morar, mas também não queremos criar nenhuma pirotecnia anticubana, como de vez em quando se tenta criar no mundo. O que nós queremos é ser parceiros para as boas causas, nesse momento da história do Brasil.

Jornalista: Pelo momento que Cuba vive, a doença de Fidel Castro, essa viagem traz uma carga emotiva para o senhor? A visita a Fidel Castro acontece?

Presidente: Deixe-me dizer uma coisa para vocês. Eu sou da geração que é apaixonada pela Revolução Cubana. Talvez os pais de vocês tenham sido ou



são dessa geração. Tenho um carinho muito especial pelo Fidel, eu visito Cuba desde 1985, portanto, há 23 anos eu visito Cuba. Houve tempo em que eu vinha a Cuba todo ano.

Portanto, eu estou torcendo para que o Fidel tenha uma recuperação extraordinária. Se eu vou visitá-lo ou não, vai depender dessa recuperação. Vocês serão informados no momento em que eu fizer uma visita ao Fidel. Eu espero até, se for o caso, que a gente tenha uma segunda conversa, para eu poder falar com vocês a esse respeito.

Jornalista: Presidente, agora está diferente negociar com Cuba, com o Raul Castro na Presidência?

Presidente: Não se trata de diferença de negociar. O problema é que a cada dia que passa há uma evolução na necessidade de os países conversarem mais, de os países negociarem mais. Eu digo sempre o seguinte: o Brasil, como maior economia do nosso continente, tem a responsabilidade de tomar iniciativas para fazer as coisas acontecerem. O Brasil não pode ficar esperando que Cuba vá ao Brasil, que a Guatemala vá ao Brasil, que Honduras vá ao Brasil. É o Brasil que tem que visitar esses países.

Eu, às vezes fico constrangido porque eu chego na maioria dos países africanos, ou chego na maioria dos países da América Central, e é a primeira vez que um presidente da República do Brasil visita esses países. Por quê? Porque durante muito tempo predominou no Brasil a mentalidade de país colonizado, que não conseguia se libertar do chamado Primeiro Mundo. Na verdade, nós estamos provando que a nossa relação com o nosso mundo, com o nosso continente, é o que tem possibilitado o crescimento extraordinário das exportações brasileiras, da melhoria da nossa balança comercial. E nós vamos continuar fazendo isso porque acho que é extremamente importante.

Prestem atenção numa coisa. Neste século XXI nós vamos viver,



primeiro, o crescimento da América Latina, nós vamos ver a evolução política da América Latina e vamos ver o crescimento da África e a evolução política da África. Obviamente que isso é muito importante, se nós soubermos combinar essa evolução de um mundo que estava marginalizado com o chamado mundo desenvolvido, que são os Estados Unidos, União Européia, Japão. E, ainda mais, com uma parceria estratégica que temos com China, Índia, África do Sul, nós temos muito mais condições de fazer evoluir o Brasil do que nós tivemos há vinte ou trinta anos.

Jornalista: Presidente, o senhor ontem esteve na Guatemala e (inaudível) o primeiro presidente a visitar a Guatemala, o senhor voltou. Agora, o senhor esteve também com o Uribe e com o Chávez. Como é que está o diálogo entre eles, é possível uma reconciliação?

Presidente: Eu acho que é possível. Eu penso que o que aconteceu na Colômbia foi importante. O sinal das Farc, de liberar dois reféns, foi um gesto importante. Obviamente que é apenas o começo de uma trajetória. Acho que o Chávez contribuiu, acho que o Uribe contribuiu e eu penso que os dois, como dois chefes de Estado, não podem ficar fazendo cara feia um para o outro. Eu acho que quando você assume o papel de chefe de Estado você tem que pensar nos interesses coletivos e nunca nos interesses pessoais. Eu acho que é isso que norteia tanto a cabeça do Chávez quanto a cabeça do Uribe.

Eu falei com o Uribe, eu falei com o Chávez. O Brasil sempre estará disposto a contribuir para que haja harmonia entre os países da América do Sul.

Jornalista: Presidente, como as Farc devem ser tratadas?

Presidente: Como elas são. Veja, o Brasil não é um território de classificação



de tendência política ou de grupo de luta armada. O Brasil segue sempre a orientação da ONU. Aquilo que a ONU determina é o que o Brasil tem seguido.

Eu acho que a possibilidade de negociar com as Farc para libertar os seqüestrados... porque é abominável essa história de seqüestro. Fazer com que pessoas inocentes paguem o preço da sua disputa política, não é admissível por qualquer ser humano do mundo. Eu por exemplo, não admito a história de seqüestro, acho que é uma coisa que não pode ser aceita por nenhum ser humano de juízo perfeito, no mundo.

Agora, eu acho que eu fiz uma opção pela democracia, eu construí um partido e em 20 anos cheguei à presidente da República. As Farc fizeram uma opção e já estão há 40 anos... Eu acho que está na hora de a gente estabelecer conversas com outros setores da sociedade. Nós não daremos nenhum passo sem a concordância do presidente Uribe, porque nós respeitamos o resultado do pensamento do povo de cada país. Mas eu sou um otimista. Eu acho que o que aconteceu foi um sinal muito pequeno de coisas grandes que podem acontecer no nosso continente, para que a gente viva definitivamente em paz. Somente a paz é que vai garantir o desenvolvimento econômico, o crescimento da economia, a geração de emprego e a possibilidade de fazermos a justiça social que o nosso continente tanto precisa.

Jornalista: Presidente, uma última pergunta. Há risco de surto de febre amarela no Brasil?

Presidente: O meu ministro da Saúde está aqui, ele pode falar. Não há. Nós temos alguns casos de febre amarela silvestre, como disse o nosso ministro da Saúde, não há nenhum perigo de febre amarela urbana. Agora, é importante o seguinte: cada vez que eu viajo para um país que tem problema, eu tomo vacina. Tomo vacina, por precaução. Eu acho que as pessoas que vão para um lugar que tem problemas, as pessoas precisam se precaver e tomar uma



vacina que não dói, não dá febre, e pode salvar vidas.

Jornalista: Presidente, o Edison Lobão corre o risco de não virar ministro?

Presidente: Eu estou sabendo pela sua boca.

Jornalista: Ele é ministro, já?

Presidente: Não, eu vou ter uma conversa com ele e vamos estabelecer uma discussão. O problema é que o PMDB, por unanimidade, indicou o Lobão para ser ministro. Mas eu disse ao PMDB que vai depender de uma conversa minha com o Lobão, que será feita amanhã.

(\$31EGJLMQ)